

ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO SUPERIOR: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS

Ana Paula Furtado S. Pontes – UFPB, anaufpb@gmail.com

Maria Salete B. de Farias – UFPB, runasvida@gmail.com

Aparecida C. Pires – UFCG, cida.ufu@gmail.com

Introdução

O estudo se desenvolveu no âmbito do Centro de Educação da UFPB/*Campus I*, vinculado ao PIBIC e financiado pelo CNPq e FAPESQ-PB. Teve por objetivo discutir como professores, de diferentes tempos de docência, constroem sua trajetória acadêmica, situando referências sobre seu perfil e atuação profissional.

A pesquisa, em andamento, tomou como referência a seguinte categorização: professores iniciantes, com até 7 anos de docência; intermediários, com tempo de docência entre 8 e 17 anos, e docentes experientes da Classe Professor Titular, com mais de 18 anos de atuação na UFPB.

O termo docência, vem do latim “docere” que remete à ideia de ministrar, instruir (Veiga, 2008), configurando apenas a dimensão do ensino. Entretanto, a docência no ensino superior, em especial, nas IES públicas, envolvem ainda outras funções, além de ensino, pesquisa e extensão: comunicação de suas investigações; orientação (tutoria); gestão acadêmica, promoção de relações e intercâmbio departamental e interuniversitário etc. (Bastos et al, 2011).

Nesse sentido, compreende-se que os professores do magistério superior assumem atribuições das mais diversas, com o agravante da lacuna de sua formação, vez que, conforme Pimenta e Anastasiou (2002, p. 37), “na maioria das instituições de ensino superior, incluindo as universidades [...] predomina o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e de aprendizagens [...]”.

Além da lacuna na formação pedagógica, os professores do magistério superior enfrentam o desafio de se tornar pesquisador, área de maior prestígio acadêmico (Cunha, 2006); bem como orientar seus estudantes, nomeadamente no contexto da pós-graduação. A formação do pesquisador tem como locus privilegiado os programas de mestrado e doutorado, entendendo-se que a orientação é uma atribuição do docente de qualquer programa de pós-graduação (Santos; Maffei, 2010).

Outrossim, a atuação dos professores na gestão também é dificultada pela lacuna na sua formação. Os docentes do magistério superior são egressos de cursos de pós-

graduação, onde se prioriza a formação para a pesquisa, além de seus temas de estudo, sem contemplar o desenvolvimento de competências gerenciais (Barbosa; Mendonça, 2014).

Em nossa pesquisa, adotamos procedimentos variados. Com os professores iniciantes, aplicamos questionário *Google forms* com 26 professores, sendo doze (12) do Departamento de Fundamentação da Educação (DFE); oito (08) do Departamento de Habilitações Pedagógicas (DHP) e seis (06) do Departamento de Metodologia da Educação (DME), o que equivale a 51% do total de professores iniciantes do CE (2022).

Com os professores intermediários, aplicamos a técnica de grupo focal (Gatti, 2005) com oito (08) professores, sendo três (03) docentes do DFE e do DHP, além de dois (02) do DME.

A pesquisa com professores titulares se deu com o recurso à entrevista narrativa com sete (07) docentes, sendo três (03) professores do DME, dois (02) do DHP, um (01) do DFE e um (01) do Departamento de Educação do Campo (DEC).

O material gerado a partir das diversas formas de coleta foi tabulado e tratado por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2011). Para fins deste estudo, voltamos a atenção sobre o perfil docente (sexo, faixa etária, titulação e tempo de docência) e atuação profissional.

Desenvolvimento

Com relação ao perfil docente, a maioria dos 26 professores iniciantes é do sexo feminino (69,2%) estavam na faixa-etária de 36 a 45 anos, possuindo entre quatro (04) e seis (06) anos de atuação na instituição, todos com doutorado.

Dos oito (08) docentes do grupo intermediário, cinco (05) eram do sexo feminino, e três (03), masculino, na faixa-etária de 41 a 58 anos. Em relação ao tempo de docência na Instituição, prevaleceu professores com 11 a 16 anos de experiência, ingressantes na época da expansão do Reuni - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, instituído por meio do Decreto 6.096/2007. Quanto à titulação, apenas três (03) professores já possuíam doutorado antes do ingresso na UFPB. Dos demais, um estava com o doutorado em andamento.

Em relação aos professores titulares, quatro (04) são do sexo feminino, três (03), masculino, com tempo de docência na UFPB variando de 18 a 45 anos. Quanto à faixa etária, os docentes possuíam entre 54 e 72 anos. Considerando a titulação, identificamos

situações bem diversas, a depender do ano de ingresso na Instituição.

Os três (03) professores ingressantes entre 2002 e 2003 já possuíam doutorado na ocasião de sua aprovação em concurso público. Quanto aos demais, dois (02) docentes que ingressaram na UFPB em diferentes anos (1977 e 1992) possuíam apenas graduação, tendo ambas atuado com pesquisa antes da iniciação na docência.

Em relação à atuação acadêmica, todos os docentes iniciantes dedicavam mais tempo ao ensino; havendo dedicação considerável de carga horária à produção acadêmica (76,9%); projetos de extensão e de pesquisa (57,7%), além da gestão e representação institucional (42,3%).

Os docentes intermediários teceram críticas às demandas postas para sua atuação. Identificamos resistência à essa lógica em relação à intensificação a que são expostos, com destaque para os riscos do produtivismo acadêmico tão presente na pós-graduação (PG) (Sguissardi; Silva Júnior, 2009).

A resistência se traduziu na iniciativa de alguns optar, retardar ou deixar de atuar na pós-graduação, ou mesmo fazer opção pelo ensino e apenas uma outra área – pesquisa ou extensão. Uma das professoras, em depoimento emocionado, apontou o período da pandemia da Covid-19 como um fator determinante em sua decisão por deixar a PG:

[...] em 2020, com a pandemia, para mim foi definitivo, né, assim: Eu não vou mais fazer parte da pós-graduação, não vou! Porque é um mundo à parte, é uma realidade [...] totalmente desconectada da realidade. Então as pessoas estão morrendo, e eu tenho que fazer a pesquisa X. (P2).

Embora tenham reconhecido que devem exercer diferentes funções, um dos docentes resiste em atuar na PG, ressaltando que foi admitido como professor, não pesquisador. Acrescenta que desconhecia o tripé universitário:

[...] a ideia que eu trazia para a universidade era de dar aula, vou fazer o concurso para dar aula. E pouco a pouco eu fui entendendo, né, aprendendo, né, só, porque já foi dito aqui que não, não tivemos orientação em relação a isso, que precisávamos fazer outras coisas. (P1).

Algumas docentes atuavam com extensão mesmo antes ou desde o ingresso na UFPB, tendo uma delas ressaltado que se sente “[...] muito mais extensionista do que a pesquisadora” (F1). Em que pese compreendam-na como área de menor prestígio acadêmico, valorizam esse campo de atuação por sua relevância social. Outro professor destacou: “[...] a gente precisa trazer a sociedade para a universidade, dar um retorno,

seja formando bem os alunos, produzindo e também oferecendo os serviços como extensão.” (P3).

Os professores intermediários destacaram ainda a falta de apoio e estrutura para desenvolverem funções de gestão e pesquisa, valertando para os riscos de comprometimento da qualidade do ensino: “Tanto num peso grande de demandas, de atividades, e às vezes isso sufoca aquilo que é o nosso objetivo principal.” (P4).

Por fim, os professores titulares em suas narrativas apontaram ter atuado, ao longo de sua trajetória profissional, nas diversas funções, inclusive na gestão e representação institucional, mas sinalizaram preferências. Dentre os professores, apenas duas docentes destacaram sua forte relação com o ensino, tendo ampliado a sua atuação em outras frentes após a conclusão do doutorado.

Considerações Finais

A pesquisa, em andamento acerca da trajetória acadêmica dos professores do Centro de Educação da UFPB revela a dinâmica do trabalho docente no âmbito das universidades federais, entrecruzada com as exigências do capital neoliberal. Nesta esfera, observamos uma diversidade de atuações impostas aos/as professores/as, perpassando pelo ensino a pesquisa, gestão e a extensão. Todavia, os professores intermediários apontam reflexões críticas a esta diversificação de funções, com destaque para a falta de apoio e estrutura para o desenvolvimento da gestão e das ações de pesquisa na Instituição, comprometendo, por vezes, a qualidade do ensino. Outrossim, os professores titulares destacaram ter atuado em várias funções, ao longo de suas carreiras inclusive gestão e representação institucional.

Por fim, a pesquisa, ora em andamento, tem desvelado as nuances e os desafios encontrados na docência universitária, diante da multiplicidade e complexidade da atuação profissional no cenário contemporâneo.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CUNHA, M. I. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional na universidade: saberes silenciados em questão. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 mai./ago. 2006.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

VEIGA, I. P.A. Docência como atividade profissional. In.: VEIGA, I. P.; DÁVILA, C. **Profissão docente**: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, SP: Papirus, 2008.p.13-21.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, K. R.; MAFFEI, W. S. Aprendendo a orientar. In: SCHNETZLER, R. P.; OLIVEIRA, C. **Orientadores em foco**: o processo de orientação de teses e dissertações em educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.